

# LETRAS DE HOJE

N.º 12

JUNHO DE 1973

Cr\$ 12,00

**estudo e debate  
de assuntos de  
lingüística, literatura  
e língua portuguesa**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
Centro de Estudos da Língua Portuguesa

**REDATORES RESPONSÁVEIS**

IR. ELVO CLEMENTE

DR. WILSON C. GUARANY

REVISOR

PROF. LAURO DICK

**CORRESPONDÊNCIA**

PROFA. IONE M. G. BENTZ

LETRAS DE HOJE aceita trocas

On demande l'échange

We ask for exchange

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
EM CONVÊNIO COM O CONSELHO FEDERAL DE CULTURA  
AV. IPIRANGA, 6681 — Caixa Postal 1429 — PORTO ALEGRE

## índice

QUE É A COMUNICAÇÃO	Wilson C. Guarany	5
A RETÓRICA PUBLICITÁRIA	Ione M. G. Bentz	11
ANÁLISE DE UMA MENSAGEM PUBLICITÁRIA	Joel Sanches José Kolling Lauro Dick Olivar Coneglian	20
A SEMIÓTICA ABSTRATA DE MAX BENSE	Jorge Campos da Costa	29
A ACENTUAÇÃO DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS ALGUMAS OBSERVAÇÕES CONTRASTIVAS	Augustinus Staub	35
OS MODOS DA NARRATIVA N'OS LUSÍADAS	José Édil de Lima Alves	53
A PESTE: UMA SITUAÇÃO-LIMITE	Urbano Zilles	67
COMUNICAÇÃO LITERÁRIA NO ENSINO	Ir. Elvo Clemente	83
A ARANHA	Maria da Soledade	92
O POÇO DAS ALMAS	Ernesto Wayne	93
CONTO BORGEANO	Paulo Fernandes	95
RECENSÕES		97
INFORMATIVO		103

## QUE É A COMUNICAÇÃO

Wilson C. Guarany

### 1 — CONCEITO DE COMUNICAÇÃO

Tanto o fato de passarmos um cheque, quanto a compra de um jornal, a leitura de um livro, a organização geral de uma empresa, o funcionamento do sistema respiratório, o pormos um automóvel em movimento, o miado de um gato ou o acoplamento de duas máquinas são atos de comunicação.

Sempre que algo em comum se estabelece entre dois seres, temos o fenômeno da comunicação. Assim, a comunicação ocorre não só entre os homens, mas também entre os seres Irracionais, as máquinas, os homens e as máquinas, os homens e os seres Irracionais, os Irracionais e as máquinas.

Se entro em meu automóvel e Imprimo uma primeira, proponho à máquina um estímulo. O fato de o automóvel partir e alcançar, nessa marcha, um ponto máximo é, ao mesmo tempo, sua resposta ao meu estímulo para que eu passe à segunda marcha. Como se vê aí está se dando a comunicação. Porquê? Simplesmente porque:

(1) "algo em comum" se estabeleceu entre mim e o automóvel;

(2) esse "algo comum" é a relação entre o estímulo e a resposta. Onde podemos conceituar comunicação como a **relação que se estabelece entre um estímulo e uma resposta** (1).

Um fato que se deve ressaltar de imediato é que a comunicação somente ocorre quando, obviamente, existe a **Intenção de comunicar, de servir de estímulo**. Por isso nuvens negras são índices comunicacionais, mas entre as nuvens e o homem não ocorre a comunicação, porque não houve aí uma **relação bilateral**, isto é, uma **Intenção de comunicar, de pôr algo em comum**.

## 2 — COMUNICAÇÃO E CIBERNÊNCIA

Colin Cherry restringe - e muito - o campo dos estudos atinentes à comunicação ao afirmar que esta é uma questão essencialmente social (2). Com essa assertiva o eminente professor da Universidade de Londres propõe que a(s) teoria(s) da comunicação deve(m) limitar-se a analisar o homem como um animal capaz de organizar sua circunstância, o meio em que vive, distintamente dos outros animais (3).

Com isso não estamos de acordo, a menos que Cherry passe para a cibernética o estudo das interações homens-animais-máquinas, postulando, como Norbert Wiener, que cabe à cibernética o estudo do controle e da comunicação, nas máquinas e nos seres vivos (4).

## 3 — COMUNICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Dentro da mesma linha que Colin Cherry, postulando o princípio de que comunicação é organização, está implicitamente colocado Marshall McLuhan. Este teórico ao analisar as tecnologias criadas pelo homem - os meios - nos dá a entender que para ele uma teoria da comunicação seria o estudo das extensões do homem capaz de determinar mudanças no ambiente.

Ora, logo se vê que os meios - as tecnologias - são os organizadores do nosso mundo, sendo que os homens as criam na medida em que uma problemática se põe, e, com isso, a estruturação, o ordenamento, a comunicação vai-se dando.

As tecnologias, os veículos, vale dizer, os meios são vistos, portanto, como "o algo em comum", exterior, coletivo, que possibilita a comunicação.

## 4 — COMUNICAÇÃO HUMANA

Conscientes de que a comunicação é um fenômeno abrangente, não exclusivamente humano, passemos a analisar o problema da comunicação ao nível do **homo signans**.

O homem é um ser signológico. Esta equação, que tenta compreender o ser humano através de uma de suas faculdades, é realmente de largo alcance.

Sem dúvida uma das maiores características do homem é a capacidade de produzir infinitamente sistemas de signos e dentre os sistemas de signos criados possuir um - a linguagem - que é de sua propriedade exclusiva, visto que os sistemas de signos de todos os outros animais nunca são duplamente articulados.

Com essa colocação vemos que o homem se expressa através de um sistema de signos **sui generis**. Não obstante ele não restringe sua comunicação unicamente a esse sistema.

Colateral e concomitantemente lança mão de sistemas de signos digitais que procuram reforçar, completar ou substituir o sistema analógico que é a linguagem. A moda, a arte culinária, o código de ética são sistemas de signos secundários de que o homem lança mão no desejo de se expressar.

## 5 — LINGÜÍSTICA E SEMIOLOGIA

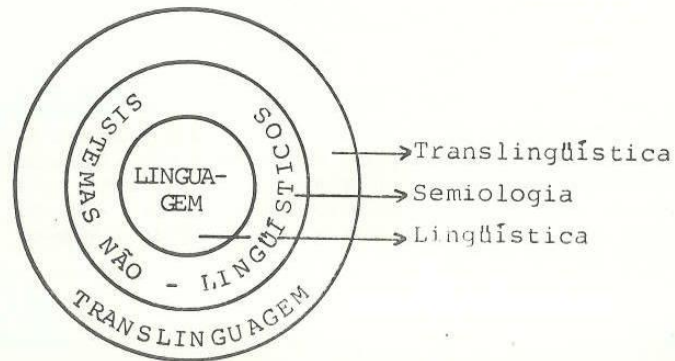
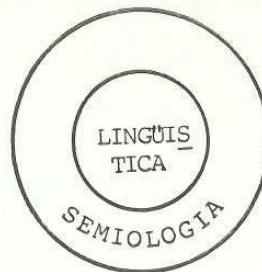
A ciência encarregada de estudar a linguagem humana é a lingüística, sendo que os demais sistemas de signos, socialmente empregados, são do âmbito da semiologia.

Esta é a postulação de Ferdinand de Saussure (5). Para o mestre de Genebra a semiologia tem como objetivo explicitar em que consistem os signos e as leis que os regem. Como a linguagem não passa de um e o mais perfeito sistema de signos - é ela quem repassa todos os demais sistemas. Saussure afirmou que a lingüística é um domínio bem definido da semiologia.

Já Roland Barthes, semiólogo francês, retomando Saussure, afirma que a lingüística não é uma parte, mesma que privilegiada, da semiologia. É esta quem é parte daquela, ou seja, a semiologia é a parte da lingüística que se encarrega de estudar as grandes unidades significantes do discurso (6).

Tomando a afirmação saussuriana e a barthesiana, teríamos os seguintes modelos:

I Saussure



No modelo I vemos a lingüística como parte da semiologia; no modelo II temos a linguagem, que manipula as unidades frasais, os sistemas de comunicação não-lingüísticos, que jogam com unidades maiores que a frase (em última instância, unidades transfrásicas), constituindo-se esses dois elementos - unidades frasais e sistemas de comunicação não-lingüísticos - nos dois aspectos de uma translingüística.

## 6 — LINGÜÍSTICA, SEMIOLOGIA E COMUNICAÇÃO

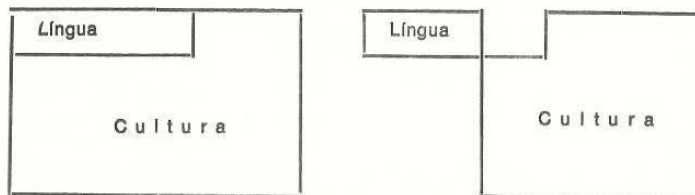
Creemos que o modelo ficaria mais completo se trabalhássemos com mais um círculo: o da comunicação. É óbvio que desde o círculo mais interior - a linguagem - já se trata de um processo comunicacional (no caso, duplamente articulado); simplesmente queremos ressaltar o fato de a comunicação humana estar ampliada ou cerceada pelas tecnologias criadas pelo *homo sapiens*.

Ora, se toda nossa cultura (= conjunto de tecnologia e ideologias) se expressa através da linguagem, mas é esta mesma cultura a condicionadora das latitudes da linguagem humana, se toda nossa cultura em termos de tecnologia só pode ser compreendida pela análise do resultado desses meios - alterações - em nossa civilização, se este campo de estudo está restrito às teorias ditas da comunicação, nada mais lógico que acrescentar mais um círculo e teríamos:



Não resta dúvida de que em última instância os objetos, os fatos só significam através da linguagem e jamais sem ela, mas a própria linguagem é condicionante e condicionada. É condicionante, porque como lembra Costa Lima, somos seres na linguagem (7); é condicionada, porque é expressão da cultura, é resultante de um conjunto de meios portadores de mudança nos padrões humanos de viver.

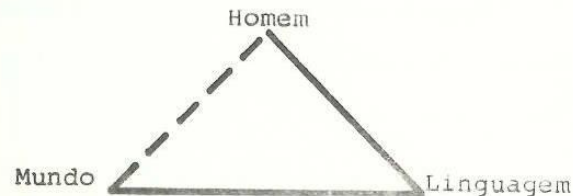
Mattoso Câmara (8) também se interessou por esse problema ao analisar a conjunção dicotômica língua-cultura, esquematizando-as em dois modelos bastante expressivos:



## 7 — CONCLUSÃO

Arriscando-nos a uma solução conciliadora, diríamos que Saussure, procurando situar com clareza os estudos lingüísticos, vislumbra uma solução propondo a lingüística como parte da semiologia, visto que essa trata de todos os sistemas de signos empregados no seio da sociedade. Já Roland Barthes foi mais longe observando que não há uma antinomia - digitalismo/analogismo - entre uma e outra e propôs que uma translingüística se bifurcasse em unidades lingüísticas ou frásicas e em unidades semiológicas ou transfrásicas.

Ora, toda problemática se estabelece, em verdade, em torno de um tripé:



onde se vê que a relação homem-mundo é mediada pela linguagem, mas essa mesma linguagem é condicionada e condicionadora da explicitação desse mundo para o homem, donde o nosso esquema lingüística + semiologia = translingüística —> teoria da comunicação, onde a soma dos dois tipos de unidades significantes empregadas pelo homem configuram a translingüística e essa última só pode ser entendida, isto é, só se explicita no todo, se analisada a partir da compreensão dos meios que configuram e controlam "a formação e a forma das ações e associações humanas" (9).

#### NOTAS:

- (1) Cf. Colin Cherry. **A Comunicação Humana**. São Paulo, Cultrix, 1971, p. 27-8
- (2) Idem, *ibidem*, p. 22
- (3) Idem, *ibidem*, p. 22 e 27
- (4) Cf. **Deus Golem e Cia.** S. Paulo, Cultrix, 1971, p. 20, e **Cibernética e Sociedade**. S. Paulo, Cultrix, 1970, p. 16-7
- (5) Cf. **Curso de Lingüística Geral**. S. Paulo, Cultrix, 1971, p. 24
- (6) Cf. **Elementos de Semiologia**. S. Paulo, Cultrix, 1971, p. 13
- (7) In: —. **Análise do Discurso**. Conferência pronunciada no âmbito do I Seminário Brasileiro de Lingüística e Teoria Literária, PUCRS, 7 a 11 de maio de 1973, inédita.
- (8) Cf. **Princípios de Lingüística Geral**. 3ª ed. Rio, Acadêmica, 1959, p. 20
- (9) Cf. Marshall McLuhan. **Os meios de Comunicação**. S. Paulo, Cultrix, 1971, p. 23